

NENHUM A MENOS: O PROBLEMA DA EVASÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

José Renato Gomes de Oliveira

1 Instituto Anísio Teixeira-IAT / NIAVA-Núcleo de Ambientes Virtuais
de Aprendizagem / joserenato.iat@gmail.com

Resumo – *Este artigo pretende realizar uma explanação conceitual sobre as causas da evasão, de modo generalizado, nos cursos de Educação a Distância. Não obstante sua imperiosa necessidade num mundo tão tecnológico, que necessita encurtar distâncias e realizar a aprendizagem colaborativa e mediada por tecnologia, encontramos rejeições entre a educação formal e tradicional e aceitação ou compromisso com a aprendizagem virtual. São possíveis causas para a evasão, a falta de autonomia, desde o ensino tradicional presencial, porém agora muito mais requerida; a afiliação tecnológica, conhecimento essencial para adentrar o mundo virtual e por fim; a motivação. Acredita-se que para a EAD são exigidas competências indispensáveis aos estudantes, como autonomia, afiliação tecnológica e motivação. Para diminuição dos índices de evasão nos cursos mediados por tecnologia propõe-se a realização de cursos preparatórios como condição indispensável exigida aos cursistas que se propõem a estudar a Distância.*

Palavras-chave: *Evasão; Educação a Distância; metodologia de ensino a distancia.*

Abstract – *This article aims to develop a conceptual explanation of the causes of evasion so widespread in Distance Education courses . Despite their urgent necessity in a world so technology , you need to shorten distances and perform collaborative and technology-mediated learning , we find rejections between formal and traditional education and acceptance or commitment to virtual learning . Are possible causes for dropout lack of autonomy , from traditional classroom teaching , but now much required ; technological affiliation, essential knowledge to enter the virtual world and finally ; motivation. It is believed that for EAD essentials students skills such as autonomy , technological affiliation and motivation are required . To decrease the dropout rates in courses mediated by technology is proposed undertaking preparatory courses as an indispensable precondition to teacher students who propose to study the Distance.*

Keywords: *evasion; Distance Education; methodology for distance learning.*

1. Introdução

Em 1999 Zhang Yimou dirigiu a película *Yi Ge Dou Bu Neng Shao*, que no mundo ocidental veio a ser conhecido como “Nenhum a Menos” (Not one less), filme chinês vencedor do Leão de Ouro no festival de Veneza. A história se passa numa China rural e pobre, em torno de uma escola primária da aldeia de Shuiquan, por ocasião da licença do professor titular a única substituta encontrada é a adolescente Wei Minzhi, de 13 anos que tinha apenas o primário na sua formação.

Sua função era jamais permitir que qualquer aluno desistisse de estudar, pois receberia uma recompensa por cada um deles que impedisse de abandonar a escola. Os problemas começam quando aparecem fortes motivos para os alunos evadirem. Porém, a jovem substituta, embora despreparada para a tarefa que lhe é confiada, revela uma espantosa persistência em sua missão. O filme chinês trata de um problema contextual, que é a educação rural na China e a modalidade educacional em foco é a presencial, porém, partindo de pressupostos da educação tradicional ousou estabelecer um paralelo entre “Nenhum a Menos” e o contexto da Educação a Distância no Brasil, especificamente em meios em que profissionais da educação não possuem o preparo adequado e têm que realizar um esforço sobre-humano para evitar que cursistas caiam nas estatísticas de um dos maiores problemas dos cursos EAD: a evasão do estudante.

A educação online, ou ainda educação realizada por mediação tecnológica é um fenômeno do mundo moderno, contemporâneo, uma modalidade propiciada pela revolução tecnológica que surgiu a partir da revolução industrial do século XIX, não obstante a origem histórica da EAD nos remeta a tempos distantes. Podemos afirmar que o apóstolo bíblico Paulo utilizou-se dessa modalidade para enviar cartas de sua autoria às primeiras igrejas da Ásia Menor ou para propagar as doutrinas cristãs no Império Romano. Certamente essa experiência se repetiu outras vezes, em outros períodos históricos, no Egito, na Grécia ou na África. Esses exemplos levam em conta uma educação em sentido amplo, não pedagógica, ou seja, não vinculada a uma instituição de ensino, mas que se deu de forma espontânea, sem a preocupação didática da formação do indivíduo. No entanto, a história da Educação a Distância tem considerado em vários estudos que seu início se deu quando, pelos registros franceses, agricultores europeus, em 1856, utilizaram correspondências para aprender melhores técnicas de plantio e manejo de animais (BELLONI, 2006). Desde esse fato, a modalidade de ensino EAD tem crescido vertiginosamente, com bastante expressão numérica a partir da popularização dos computadores pessoais (personal computer). Hoje, diante do número de instituições criadas e da quantidade de cursos oferecidos nessa modalidade, podemos dizer que já se tornou um modelo de ensino consagrado, embora não sejam poucos os problemas comuns às instituições e empresas que oferecem esses cursos, sejam para o ensino médio,

formação inicial (cursos de graduação), ou formação continuada, cursos de pós-graduação ou extensão.

No cenário brasileiro, esta modalidade surge na década de trinta, com a iniciativa do Instituto Rádio Técnico Monitor de oferecer o ensino não-presencial para seus cursos técnicos. Nesta mesma década, Edgar Roquete-Pinto cria a Rádio-Escola Municipal no Rio de Janeiro e em paralelo surge na cidade de São Paulo, o Instituto Universal Brasileiro. No período que vai 1941 a 1947, surge a primeira Universidade do Ar, que durou dois anos, e logo após veio a Nova Universidade do Ar, patrocinada pelo SENAC, SESC e emissoras associadas.

Na década de 1970, a Fundação Roberto Marinho dá início ao Telecurso 2000, um programa de educação supletiva à distância, que utilizava a televisão como meio educativo para alunos. Pela Lei no 403/1992, foi criada a Universidade Aberta de Brasília que englobava três campos: ampliação do conhecimento cultural, educação continuada e ensino superior, em nível de graduação e pós-graduação.

A Universidade Federal de Santa Catarina cria na década de 1990, um curso de EaD Mediado por Computador (EDMC), aliado a este programa, foi criado um curso de pós-graduação em Engenharia de Produção (Mestrado e Doutorado), em parceria com oito universidades públicas e privadas e empresas de porte tecnológico avançado.

A inserção da tecnologia online na educação tem se mostrado cada vez mais frequente, por ser primeiramente essa inserção um reflexo da sociedade. A dinâmica escolar quando muito distante nas linguagens, usos e costumes sociais torna-se obsoleta, ficando-se, dessa forma, despreparadas na mediação do processo de ensino aprendizagem. As tecnologias web, a utilização das redes sociais e dispositivos que integram essas redes são cada vez mais frequentes e necessárias, por causa dos costumes, necessidades e soluções possibilitadas pela internet. Por isso, centros e núcleos difusores de tecnologia são criados com objetivos de auxiliar programas e projetos educacionais a acompanhar a inovação tecnológica e desenvolver ações que viabilizam o uso das tecnologias. Os programas, projetos e cursos, nesse sentido, apresentam necessidades cada vez maiores na utilização de meios que façam uso de plataformas web para aprendizagem, em modalidades a distância ou presenciais.

2. Três possíveis motivos para a evasão

Não obstante sua imperiosa necessidade num mundo tão tecnológico, que necessita encurtar distâncias e realizar a aprendizagem colaborativa e mediada por tecnologia, encontramos rejeições entre a educação formal e tradicional e aceitação ou compromisso com a aprendizagem virtual.

São possíveis causas para a evasão a falta da tão reivindicada autonomia, desde o ensino tradicional presencial, porém agora muito mais requerida; a afiliação

tecnológica, conhecimento essencial para adentrar o mundo virtual e por fim, simplesmente a motivação.

Aprender em um ambiente virtual é bem diferente de aprender em uma sala de aula tradicional. É preciso romper barreiras e adquirir hábitos novos como, por exemplo, acessar a Internet para estar atualizado com o curso, participar do fórum e fazer leitura, reflexões e comentários a respeito das mensagens. É importante desenvolver a autonomia e tornar-se um aluno independente, pesquisador crítico e colaborar com os participantes com feedbacks construtivos.

A autonomia do estudante e do professor já foi amplamente divulgada pelo grande educador Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*, no entanto, ela nunca foi tão bem falada quanto nos estudos sobre a EAD. A autonomia concebida por vários profissionais de vários ângulos é tida como a capacidade de aprender buscando seus próprios meios e escolhas.

2.1. O problema da autonomia

“Pode-se dizer que o “calcanhar de Aquiles” na educação a distância é a situação de aprendizagem individual. O estudar sem a presença regular de colegas e professores desafia o cursista a superar suas limitações pessoais e desenvolver sua capacidade de aprender autonomamente, de aprender a aprender. Esse processo exige envolvimento tanto da instituição como do cursista inscrito. A instituição coloca à disposição do Cursista todo o seu sistema (recursos humanos materiais, redes de comunicação) para dar suporte à caminhada. Por outro lado, o cursista deve mergulhar, assumindo para si, também a responsabilidade de sua formação. (...)” (PRETI, 2000)

A questão em voga é que muitos dos que se propõem a estudar à distância parecem não estar preparados para lidar com este modelo de ensino, não possuem a autonomia necessária para enfrentar os desafios necessários que um curso a distância exige. São muitos os estudantes que abandonam os cursos no início. O índice de evasão tem superado em muito o dos cursos presenciais. O fator central e preocupante é que os desafios que surgem para o aluno desta modalidade não deveriam ser restritos a ela, não deveriam ser apenas uma exigência para os cursos EAD, mas sim para qualquer modalidade de ensino. A atitude autônoma deve ser exigida em qualquer processo educativo, seja na educação familiar, na escola ou em cursos presenciais ou à distância. No entanto, alguns problemas identificados, de ordem tecnológica, dificultam, quando não inviabilizam o acesso do cursista aos conteúdos que devem ser estudados.

2.2. Afiliação Tecnológica

Segundo PALLOFF & PRATT, (2004) “os cursos e programas on-line não foram feitos para todo mundo”. Dentre as várias competências necessárias, além do conhecimento sobre o uso do computador e conhecimento do mundo web e digital

são necessários conhecimentos para sensibilização a respeito da história do desenvolvimento tecnológico e do seu papel na educação.

São muitas as tecnologias hoje que podem ser usadas como instrumentos facilitadores do processo de ensino-aprendizagem. Há a necessidade de trazer para o dia-a-dia do aluno recursos que os despertem e os auxiliem na construção do conhecimento, que os incentivem a questionar e a buscar respostas para seus questionamentos.

A prática educacional e as metodologias de ensino devem anteceder os avanços tecnológicos, ou seja, as tecnologias devem ser incorporadas às práticas pedagógicas e não o contrário, porém vem ocorrendo o inverso. É a educação e as práticas pedagógicas que estão se adequando às novas tecnologias. Não são os recursos tecnológicos que estão sendo aproveitados e utilizados pela educação como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem, mas são as tecnologias que, avançando em ritmo desenfreado, estão se utilizando da educação para que seu uso seja ampliado.

2.3. Motivação

É fundamental que o candidato ao Curso EAD, assim como alunos e professores sejam motivados, comprem a ideia de estudar à distância, conheçam qual os perfis de professores e alunos. Suas idiossincrasias e seus estilos de construção do conhecimento é tarefa prioritária e ao mesmo tempo de extrema dificuldade quando se trata da educação online.

3. Educação tradicional e reminiscências históricas

O modelo fordista de produção em massa foi aplicado à educação, podendo ser evidente na expansão das ofertas, nas estratégias de otimização dos recursos e no uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC). No entanto, a lógica capitalista do modelo de uma educação em massa muito comprometeu a qualidade da educação. Segundo Belloni (2006), muitos estudos desenvolvidos sobre EAD baseavam-se em modelos teóricos da economia e da sociologia industriais, pautados nos paradigmas do fordismo e pós-fordismo. Porém, a nova realidade sócio-histórica afastou-se do modelo tradicional do modo de produção capitalista. Desse modo, deve-se ter uma nova concepção teórica, uma vez diante de uma sociedade pós-industrial, pós-fordista, que se baseia na produção de serviços, na qualificação profissional, na acumulação flexível, na desmaterialização do dinheiro e sua virtualização.

Após o surgimento do liberalismo econômico defendido por pensadores como John Locke, Adam Smith, David Ricardo, Voltaire, Montesquieu e outros, propagou-se a redução das funções do Estado. Delegou-se ao setor privado, depois do princípio keynesiano do controle das crises cíclicas, a atual fase neoliberal do capitalismo. Provocou-se a irrelevância do poder do Estado, deixando os países a

mercê da dinâmica global do capitalismo, a globalização da economia. Tentou-se aplicar ideias alternativas ao marxismo, sobre o Estado, que ganharam força após a queda dos regimes socialistas do Leste Europeu. Modelos teóricos da economia, e conseqüentemente da gestão educacional, influenciaram outras áreas da vida social, como saúde, educação, transporte e também a Educação a Distância, em particular.

Após os anos 90, as transformações sociais, tecnológicas e econômicas que ocorreram permitiram que as debilidades do ensino tradicional ficassem mais evidentes, possibilitando flexibilidades, já regidas por um modelo pós-fordista, mas agora dada uma nova ênfase devido ao ritmo acelerado das transformações sociais e econômicas. Assim como no modelo de gestão das empresas sugere-se o trabalho em equipe, valorizando as competências múltiplas do trabalhador, tarefas menos segmentadas; nas escolas e cursos de Educação a Distância também ocorre uma adaptação dos serviços a perfis individuais, fugindo do perfil padronizado do mercado de massa, passando a fragmentar o ensino em módulos menores e personalizados à escolha do aluno. Este passa a escolher o que quer estudar, quando e de que forma. A partir de então, nota-se que o estudante passa a precisar de competências de auto estudo e de autogestão (Belloni, 2006, p. 19), fica mais evidente aí o papel da autonomia. Como boa parte dos professores servidores do Estado da Bahia que optaram por um curso à distância faz parte de um público de adultos a quem foram oferecidos esses cursos pela flexibilidade do tempo e em sua maioria são professores que não desenvolveram autonomia, enfrentam problemas de adaptação pela modalidade ofertada. É um aspecto quase nunca levado em consideração pelas instituições de EAD, que ao dar pouca importância a esta característica dos seus demandantes contribuem para aumento dos índices de evasão dentro de suas próprias instituições.

Os avanços tecnológicos e multimidiáticos atuais corroboram com a ideia de que o ato de educar não pode ser compreendido como simples transmissão de conhecimento (FREIRE, 1996). O modelo instrumental-tecnicista não dá conta da educação em sua totalidade formativa. É insuficiente para formar o educando em homem e cidadão. As escolas que seguem este modelo não dão conta de formar indivíduos capazes de refletir, de emitir juízos próprios e autônomos, não buscam desenvolver no aluno uma forma de pensar corretamente. Todo o pensamento e ação são impostos e determinados por outros ou por circunstâncias externas a esses, transformando-os assim em sujeitos passivos e incapazes de reação e transformação de si ou do ambiente que o circunda. Educar é mais que transmitir conhecimentos, é orientar e guiar o sujeito a fim de que este se torne capaz de exercer sua liberdade e seja capaz de determinar-se, seja no âmbito da teoria ou da ação. Exercendo a sua capacidade reflexiva e de efetivação dos seus projetos particulares, compreendendo-se enquanto sujeito e cidadão do mundo.

Por ser uma modalidade historicamente recente, a educação com mediação tecnológica tem tentado muitas vezes reproduzir o ensino tradicional, levando consigo o modelo tecnicista de ensino. Por surgir em meio a diretrizes políticas e a

partir de um decreto ou lei, a Diretoria de Educação a Distância tem procurado cumprir o seu papel, de oferecer cursos de formação inicial e continuada, não obstante a todo o contexto do pioneirismo tecnológico para a educação, ainda não pôde criar o seu próprio modelo de Educação a distância, contemplando teorias e estudos da EAD em que acredite, que são objetos de pesquisas educacionais, buscando não repetir os modelos tradicionais de ensino, como citados anteriormente.

3.1. Análise de Necessidades institucionais

As instituições devem agir como defensoras do estabelecimento do perfil de uma atitude autônoma dos seus alunos, porém antes de todos, no seu corpo docente. Pedagogicamente falando, esta não é uma questão nova, porém se torna mais do que relevante diante das mudanças tecnológicas e sociais que se processam no mundo. Não obstante estarem condicionados às questões econômicas, de um mundo globalizado, neoliberal, devem reconhecer que a baixa qualidade no ensino aprendizagem ou mesmo os altos índices de evasão são consequências do afrouxamento de um rigor pedagógico ligado à promoção da autonomia do educando. A observação deste fato é o caminho para a solução de boa parte dos problemas da educação a distância, contribuindo para uma formação efetiva discente e de qualidade e para uma melhor produtividade do docente, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento da educação institucional.

A criação do modelo de Educação a Distância irá definir, além da metas e valores da instituição para seus cursos EAD, uma sistematização do seu corpo pedagógico, de modo a distinguir bem os papéis e funções que cada profissional irá executar. Professor conteudista, que elabora o material didático para EAD, deverá ser o mesmo professor docente, que acompanhará o curso em sua execução? Professor tutor online: este profissional deve ser considerado a peça chave da EAD, pois este estabelece a ponte entre o estudante e o mundo virtual. A sua presença constante no ambiente e sua participação rápida é de fundamental importância, pois é o meio e o elo de incentivo do aluno. O tutor deve dominar todas as informações sobre o curso, plano de curso, período de realização de atividades, presenciais e online, deve dominar sobre todos os recursos do AVA, tendo para isso que realizar ambientação antes de início do curso.

O fluxograma deve orientar sobre os procedimentos necessários desde o planejamento, execução e finalização de curso. O analista técnico deve realizar o pré-projeto de criação do curso, apresentando já um plano de curso. Em sendo aprovado, este é encaminhado para os professores conteudistas, para elaboração do material didático para o curso. Estes profissionais, assim como os docentes que acompanharão o curso durante sua execução, deverão realizar um curso rápido preparatório para apresentar-se os objetivos e metas do IAT, regras e leis, seguindo regimento e normativas internas, além de conhecer o modelo de EAD, o AVA e valores do Instituto.

O gerenciamento do Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA deve contemplar estudos pertinentes do design instrucional ou desenho pedagógico, layout atrativo e navegabilidade, de modo a oferecer ao cursista um ambiente agradável, de fácil interação e navegação.

Por último, sugere-se que todo cursista ao ser identificado como sendo a sua primeira vez a realizar um curso na modalidade a distância, realize curso ou módulo que contemple conteúdos introdutórios sobre a Educação a Distância, o que é, como fazer para ser capaz de ser tornar um cursista a distancia, quais as armadilhas em que o cursista online pode cair, conscientização sobre o perigo do plágio. Este curso envolve a ambientação no AVA, sendo que os dois podem ocorrer simultaneamente. O cursista deverá durante as primeiras semanas do seu curso, realizar este módulo de EAD. Esta etapa tem por objetivo desafiar o educando a perceber-se ou não um estudante autônomo.

4 – Considerações finais

O aluno assume para si a responsabilidade de sua formação, tendo como suporte alguns componentes materiais e humanos pensados e planejados, acompanhados e avaliados para que o mesmo tenha a possibilidade de construir essa autonomia durante o processo. Essa perspectiva coloca o aluno como sujeito, autor e condutor de seu processo de formação, apropriação, reelaboração e construção do conhecimento.

A auto-aprendizagem, é uma tarefa pessoal, onde se exercita a autonomia enquanto uma ação educativa no processo de ensino-aprendizagem. A ideia de auto-aprendizagem é fundamental para a Educação a Distância, modalidade em que os aprendizes autonomamente estabelecem uma ação interativa com os materiais didáticos e interagem com os colegas e professores, estimulados por ações pedagógicas de tutores e professores que atuam como “provocadores” cognitivos. Nesse ambiente os participantes desenvolvem a capacidade de determinar seu ritmo de aprendizagem, ao acessar os conteúdos quando e quantas vezes quiser, na busca de compreender o que de fato lhes desperta o interesse.

O tempo dedicado à necessária participação dos alunos e professores é de fundamental importância em ambientes virtuais de aprendizagem. Com frequência o aluno não se dá conta de quanto tempo é necessário para participar de um curso virtual e finalizá-lo com sucesso. É importante estabelecer metas e estruturar-se para administrar as atividades de forma racional. Estudar online não se resume a passar o maior tempo conectado à sala de aula virtual. Deve haver tempo para pesquisa e comunicação, mas também deve ser reservado tempo para leituras, reflexões e realização das atividades propostas.

Estabelecer objetivos e prioridades e organizar a agenda para facilitar o gerenciamento do tempo, não se permitindo ficar atrasado por excesso de trabalho e falta de organização, fazem parte da estratégia do aluno virtual, que autonomamente definirá sua agenda de estudo e o ritmo de sua aprendizagem.

Esta agenda pode ser uma tabela com objetivos semanais, atividades a realizar, o tempo estimado e, finalmente, um espaço em que você analisa se essa meta foi cumprida no prazo ou não. A idéia é que você desenvolva o hábito de gerenciar seu tempo. No entanto, algumas pessoas acham esse recurso um elemento de limitação. Se for assim para você, procure outra maneira de estruturar e organizar seu tempo. É bom lembrar que, de acordo com Litwin (2001), a variável tempo historicamente tem sido considerada de maneira flexível e adaptável às possibilidades e às necessidades de cada aluno.

A autonomia deve ser encarada como um pressuposto primordial da educação e compreendida como um pilar de sustentação nos cursos a distância. Ela é fundamental nos processos de construção da aprendizagem, pois prioriza a atitude independente do educando ao promover a possibilidade da ação investigativa e promoção da autoria (PRETTI, 2005). Dessa forma, espera-se que estudantes da EAD cumpram em primeiro lugar o pré-requisito de manifestarem-se autônomos, realizando curso, matéria, disciplina, questionário ou avaliação para isso. Entende-se que é uma condição estritamente necessária para compreensão por parte dos interessados na modalidade dos cursos a distância de que deverão ser investidos de uma atitude autônoma e se não a possuem deverão desenvolvê-la, estando conscientes de que não conseguirão realizar os cursos que pretendem se antes não estiverem dessa forma preparados.

Espera-se que após a implementação deste plano de ação estratégica, por assim dizer, o sistema adotado para a EAD torne-se mais seguro e coeso, organizado e preparado para abarcar um contingente que é cada dia mais crescente, o público de estudantes na modalidade EAD. Hoje estima-se que em média a evasão no cursos a distância ocorram acima do 50%. O perigo maior é considerar que esta taxa seja normal. Dessa forma, para combater o problema da evasão é necessário focar o interesse no cursista, pois é aprendiz de uma nova forma de ensinar e aprender, através de recursos tecnológicos, tendo-se para isso que desenvolver um espírito cibercultural e atitude autônoma.

Referências

BELLONI, Maria Luiza. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. 4ª Edição. Campinas: Editora Autores Associados, 2006.

LALANDE, André. Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PRETI, Oreste. Autonomia do Aprendiz na Educação a Distância: significados e dimensões. Cuiabá: UFMT/NEAD, 2005.

PRETI, Oreste(Org.) Educação a Distância: construindo significados. Brasília: Ed.Plano. 2000.

Um tesouro a descobrir. Acessado em 22/10/2010)
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000009.pdf>

ZATTI, Vicente. AUTONOMIA E EDUCAÇÃO EM IMMANUEL KANT E PAULO FREIRE. Porto Alegre: EDPUCRS, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAN, José Manuel. O que é educação a distância. Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo - ECA-USP: Atualizado em 2002. Acesso em 20/08/2011. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>.

INSTITUTO ANÍSIO TEIXEIRA. Regimento Interno. Fonte: WWW.iat.educacao.ba.gov.br. Acessado em 10/07/11.